



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

Curso de Pedagogia

A gente pensa nas histórias como a gente quiser:
**A PRÁTICA DE LEITURA DIALÓGICA NO PROCESSO ENSINO
APRENDIZAGEM**

Priscilla Nascimento Dias

Orientadora: Silmara Carina Dornelas Munhoz

Brasília (DF)

2016



Universidade de Brasília – UnB

Faculdade de Educação – FE

Curso de Pedagogia

Priscilla Nascimento Dias

A gente pensa nas histórias como a gente quiser:

**A PRÁTICA DE LEITURA DIALÓGICA NO PROCESSO ENSINO
APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz.

Brasília (DF)

2016

DIAS, Priscilla Nascimento.

A gente pensa nas histórias como a gente quiser: a prática de leitura dialógica no processo ensino aprendizagem./ Priscilla Nascimento Dias, Brasília (DF), 2016.

Total de f. 46

Monografia – Universidade de Brasília, Pedagogia.

Orientadora: Silmara Carina Dornelas Munhoz

Brasília (DF)

2016



Monografia de autoria de Priscilla Nascimento Dias, intitulada *A gente pensa nas histórias como a gente quiser*: a prática de leitura dialógica no processo ensino aprendizagem, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília, em 08 de julho de 2016, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Prof.^a Dra. Silmara Carina Dornelas Munhoz – Orientadora

Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Eileen Pfeiffer Flores – Examinadora

Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília

Prof.^o Dr. Francisco José Rengifo-Herrera – Examinador

Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Prof.^a Dra. Tatiana Yokoy de Souza – Suplente

Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Brasília (DF)

2016

Dedico esse trabalho a todas as crianças com as quais tive o prazer de compartilhar leituras dialógicas, com encontros recheados de aprendizagem, sentimentos e ressignificados.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus pelos caminhos percorridos até aqui e por Ele ter permitido a realização desse sonho.

Agradeço à minha família pelo apoio afetivo e financeiro para minha dedicação exclusiva à graduação.

Agradeço ao meu noivo pelo incentivo aos meus estudos.

Agradeço à professora Silmara Carina pelas trocas de conhecimento e palavras de apoio.

Agradeço ao grupo do Laboratório Diálogo as contribuições que deram ao trabalho.

Agradeço ao projeto *Livros Abertos* pela experiência incrível que me proporcionou e, em especial, à Eileen Pfeiffer Flores, coordenadora do projeto, que possibilitou o espaço para a construção dos dados.

Agradeço aos professores da Faculdade de Educação que tanto colaboraram para minha formação.

A todos (as) meu muito obrigada!

“(...) Traçarás perspectivas, projetará estruturas. Número, ritmo, distância, dimensão. Tem os teus olhos, o teu pulso, a tua memória. Construirás os labirintos impermanentes que sucessivamente habitarás. Todos os dias estarás refazendo o teu desenho. Não te fadigues logo. Tens trabalho para toda a vida.”

Cecília Meireles (1997, p. 182)

RESUMO

O presente estudo tem como propósito conhecer a contribuição da leitura dialógica no processo ensino aprendizagem, a partir do olhar das crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Brasília (DF). A Leitura dialógica consiste em uma forma modificada de leitura compartilhada, em que as crianças são constantemente encorajadas a ter voz ativa e um pensamento crítico a partir da escuta do outro. Participaram da pesquisa 17 crianças, com idade entre 6 e 7 anos. Foram realizados 5 encontros, entre pesquisadora e crianças, mediados pela leitura dialógica. Esse encontros aconteceram uma vez por semana, na biblioteca da escola, com duração média de 1 hora e 30 minutos. Ao término de cada encontro, as crianças eram convidadas a refletir e narrar sobre seu processo de aprendizagem por meio da leitura dialógica. Para fundamentar a análise dos dados nos pautaremos nos estudos de Vygostky (1930, 1989, 1991, 2000, 2009, 2010), Yunes (2002) e Soares, Sarmiento & Tomás (2005). A análise das narrativas engendradas pelas crianças nos fez perceber que estas atribuem à leitura dialógica uma aprendizagem diferenciada, em que se apropriam do conhecimento, num movimento próprio e aberto de reflexão/ação/reflexão, sentindo-se autorizadas a construir seu conhecimento, evidenciando a importância da leitura dialógica.

Palavras-chave: Leitura dialógica. Processo ensino aprendizagem. Ensino Fundamental.

SUMÁRIO

MEMÓRIA DOS CAMINHOS DESBRAVADOS	10
APRESENTAÇÃO	13
REFERENCIAL TEÓRICO	15
DO BIOLÓGICO AO CULTURAL: A APRENDIZAGEM COMO APROPRIAÇÃO	15
O SIGNIFICADO DA PALAVRA NÃO É PERMANENTE, EVOLUI COM O DESENVOLVIMENTO	17
PROJETO <i>LIVROS ABERTOS</i> – AQUI TODOS CONTAM	22
METODOLOGIA	25
OBJETIVOS	25
PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS	25
PARTICIPANTES	26
PROCEDIMENTOS	27
DIÁLOGOS E REFLEXÕES	31
LEITURA DIALÓGICA E POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM	31
IMAGINAÇÃO	33
O OLHAR DAS CRIANÇAS A RESPEITO DA LEITURA DIALÓGICA	35
“É, A GENTE APRENDE O QUE O LIVRO ENSINOU, O QUE A MOÇA ESCREVEU NO LIVRO”	37
REFERÊNCIAS	39
ANEXO 1 – SINOPSE DOS LIVROS	41
APÊNDICE	42
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	42
APÊNDICE 02 – PLANEJAMENTO	43

MEMÓRIA DOS CAMINHOS DESBRAVADOS

*“A memória guardará o que valer a pena.
A memória sabe de mim mais do que eu, ela não
perde o que deve ser salvo”.*

Eduardo Galeano

Minhas lembranças da época de escola são maravilhosas, sempre gostei muito da escola, tanto da aprendizagem quanto das amizades. Como fui filha única até os 10 anos de idade, a solidão de casa era preenchida pelos amigos da escola. Eu não faltava nenhum dia de aula, mesmo que estivesse chovendo, aula no sábado, aula com horário reduzido, eu sempre ia à escola.

Estudei toda minha educação básica em escola pública. Nas reuniões de pais, na maioria das vezes, tinha boas notas e a mesma reclamação: muita conversa. Eu tinha muitas amizades na escola, fazia o estilo “popular”. No Ensino Fundamental, a direção da escola nos apelidou de “grupinho do rosa”, pois estávamos sempre envolvidas nas festas, show de talentos, gincana, entre outros eventos que ocorriam na escola.

Quando estava no Ensino Médio, fui estudar em outra cidade e me distanciei de todos meus amigos. A correria dos estudos por uma aprovação no vestibular tomou todo meu tempo e dedicação. Eu tinha novos planos. Uma das minhas qualidades que preservo muito é o determinismo. Quando coloco algo como meta, luto até o fim.

Eu ainda estava indecisa quanto ao curso, só tinha a certeza de que não queria parar de estudar. Eu tinha que terminar o Ensino Médio e já ingressar no Ensino Superior. Eu estava indecisa entre Pedagogia e Enfermagem, áreas bem distintas, mas eu pensava que minha vocação era trabalhando com/para pessoas. Gosto de doar-me ao outro. Ganhei uma bolsa por meio do Prouni, mas minha grande felicidade e realização foi conseguir passar na UnB no 2º semestre de 2012 para Pedagogia. Foi uma imensa felicidade. Eu tive uma base muito ruim nos estudos e, no cursinho, tive que rever conteúdos básicos para aprofundá-los no nível do vestibular.

Minha família e meu noivo me apoiaram muito. Passei para o turno noturno e eles me incentivaram a sair do emprego e me dedicar somente a universidade. Já no primeiro

semestre, peguei 7 matérias e meu prazer era passar o dia na universidade e nos horários livres lendo na pracinha da Faculdade de Educação ou na biblioteca.

Minha meta na universidade era fazer tudo com muito louvor; não me permitia menção abaixo de MS. Tive muita dificuldade em algumas disciplinas, pois, apesar da minha dedicação para o vestibular, eu ainda tinha pouco hábito de ler, escrever e, mais ainda, de refletir sobre o que estava lendo. O processo mecanizado do Ensino Médio de ler para responder questões poda a prática de reflexão. As provas com questões dissertativas eram minhas maiores inimigas. Precisei praticar muito e levar muitas notas ruins para começar a me apropriar dessa cultura reflexiva da universidade.

Comecei a despertar um imenso interesse pela área de alfabetização, a partir da disciplina Processo de Alfabetização com a querida professora Paula Cobucci. Na disciplina, discutimos muito sobre esse processo de aprendizagem da criança e tive a oportunidade de ministrar 7 aulas na Escola de Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação (EAPE), que, na época, estava acolhendo os alunos de uma Escola Classe da Estrutural que estava interditada. Eu fiquei com uma turma de 1º ano e eles estavam atrasados em relação ao plano de ensino, pois, com a transição de escola, eles perderam muitas aulas. A professora da turma ficou de atestado durante dois meses, sem professora substituta. A direção teve que juntar duas turmas de 1º ano, fato que dificultou ainda mais o trabalho com a turma pelo elevado número de alunos. Contudo, quando começamos o trabalho com eles, a professora regente havia acabado de voltar. A nossa meta era que todos aprendessem a escrever o seu nome. Para isso, agrupamos a turma de maneira que os alunos que estavam um pouco mais avançados na alfabetização ensinassem os que estivessem com mais dificuldades. Nós tentávamos atender de forma mais individualizada as especificidades de cada um, para isso, claro que tivemos a professora da turma como grande aliada.

Foram 7 encontros, uma vez por semana. A professora dava continuidade aos temas trabalhados durante o restante da semana. Foi uma experiência incrível, pois me deparei com muitas dificuldades que me fizeram crescer profissionalmente na docência e pessoalmente. Foi a partir dessa experiência que percebi o valor da leitura na aprendizagem das crianças. Todo encontro eu montava a partir de uma leitura, então, nós liamos o livro no início da aula e trabalhávamos apenas com as palavras contidas na história. Por fim, consegui fazer um trabalho muito legal com a turma.

Depois dessa experiência, comecei a me interessar por projetos de extensão e áreas que eu pudesse aprofundar mais sobre essa temática. Comecei a pegar todo semestre matérias da Psicologia, pois me interessa muito a discussão sobre o desenvolvimento humano.

Uma amiga comentou comigo que tinha visto o *blog* de um projeto que eu iria gostar. Eu fiz a entrevista e comecei a participar do projeto *Livros Abertos*, experiência da qual resultou no meu tema de pesquisa. Apaixonei-me pela prática de leitura dialógica e consegui ver nela o impacto que a leitura traz para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças.

Entrei em outros projetos de pesquisa e essas experiências resultaram na escrita de artigos que foram publicados em congressos, inclusive fora do país. Em 2015, tive a oportunidade de viajar com as professoras do grupo de pesquisa “Pesquisa na alfabetização: Reflexões sobre a formação continuada de professores e resultados de aprendizagem”, para congressos em Cartagena na Colômbia e para Curitiba, no Paraná.

Tenho muito orgulho da minha dedicação ao curso, dos dias e noites de muita leitura, leituras prazerosas, obrigatórias ou não, as quais sempre dialogaram com meus saberes e que, sem dúvida, contribuíram muito para minha formação.

Como pretendo fazer o Mestrado na área de Psicologia, atualmente estou cursando disciplina como aluna especial, no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Humano e Saúde, com o interesse em aprofundar mais nas questões de desenvolvimento e aprendizagem. Quero dedicar-me aos estudos e à pesquisa para, em um futuro mais distante, atuar como professora universitária.

APRESENTAÇÃO

O presente estudo refere-se ao Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia da Universidade de Brasília. O interesse em pesquisar sobre a leitura dialógica no processo ensino aprendizagem, a partir do olhar de crianças, surgiu por meio de minha experiência pessoal com a leitura. Quando entrei na universidade, tive muita dificuldade nas disciplinas, principalmente, em discutir os textos, refletir sobre os autores, formar e expor minhas opiniões. Então, pude perceber que, para superar todos esses desafios, a minha grande aliada seria a leitura dialógica, a fim de refletir sobre os diversos assuntos, a qual, infelizmente, não fazia parte da minha vida escolar. Com a prática da leitura dialógica/reflexiva, eu consegui escrever melhor, ampliar meu vocabulário, participar das discussões com mais segurança, assumir posições e repensá-las... assim, me apaixonei pela prática de leitura.

No decorrer da graduação, sempre busquei cursar disciplinas que contemplassem as temáticas de ensino aprendizagem, escrita e leitura, para além do currículo de Pedagogia; procurei, então, disciplinas optativas no Instituto de Psicologia. Em busca de um projeto de extensão que abordasse algum desses temas encontrei o queridíssimo projeto “*Livros Abertos: Aqui todos contam*”, do Instituto de Psicologia/UnB, coordenado pela professora Eileen Pfeiffer Flores. Em 2014, ingressei no projeto, o qual tem como objetivo realizar leituras dialógicas com crianças de uma escola pública do DF, com o intuito de desenvolver o pensamento crítico.

A partir de tal experiência, a qual me possibilitou ver nitidamente seus benefícios no processo ensino aprendizagem, meu interesse se voltou para a percepção da criança acerca do aprender. Assim, busquei conhecer a contribuição da leitura dialógica no processo ensino aprendizagem, a partir do olhar das crianças, do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Brasília (DF). Para isso, delineei dois objetivos específicos: 1. Proporcionar a essas crianças encontros mediados pela leitura dialógica; e 2. Averiguar como as crianças se percebem no processo ensino aprendizagem a partir da leitura dialógica.

O presente trabalho está estruturado em cinco seções. Iniciamos por um breve referencial teórico, no qual tratamos a respeito dos processos de desenvolvimento e aprendizagem do sujeito, considerando sua dimensão cultural e o conceito de zona de desenvolvimento proximal. Também abordamos a prática de leitura e o desenvolvimento da linguagem. Em seguida, foi realizada uma descrição do projeto *Livros Abertos: aqui todos*

contam, o qual desencadeou a pesquisa. Na metodologia do trabalho, abordamos sobre a participação das crianças na pesquisa, a descrição da escola e dos participantes, assim como os encontros realizados. Apresentados os tópicos acima, buscamos, a partir da fala das crianças, um diálogo com os conhecimentos sistematizados, que nos possibilitam visualizar melhor a relação leitura dialógica e processo ensino aprendizagem. Encerramos este escrito com a observação de que as crianças atribuem à prática de leitura dialógica uma aprendizagem diferenciada, em que se apropriam do conhecimento, num movimento próprio e aberto de reflexão/ação/reflexão, sentindo-se autorizadas a construir seu conhecimento, evidenciando a importância da leitura dialógica. Reconhecemos a necessidade de o professor utilizar dessa prática de leitura no cotidiano da sala de aula, uma vez que essa prática contribui para a aprendizagem das crianças em diversos aspectos, como a reflexão, criticidade, oralidade, entre outros benefícios pontuados no decorrer deste trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

DO BIOLÓGICO AO CULTURAL: A APRENDIZAGEM COMO APROPRIAÇÃO

A espécie humana nasce mais prematura que as outras espécies de animais, necessitando por vários anos do apoio de um adulto. Mas, essa inferioridade em relação aos outros animais torna-se um grande meio de desenvolvimento, quando considerada a possibilidade de educar esse ser por meio das experiências culturais da espécie humana. A corrente histórico-cultural de Vygotsky introduz a cultura como elemento fundamental do desenvolvimento humano, denominada de “desenvolvimento cultural”, o qual é considerado como um processo de transformação do biológico para o cultural (PINO, 2005).

Ao discutir sobre as funções psicológicas, o autor aponta que as funções elementares e as superiores são inseparáveis, pois as primeiras se propagam por meio genético e as superiores por meio das relações sociais, isto é, por conta de sua natureza simbólica, elas se propagam por si mesmas. A natureza se transforma em cultura. Uma característica própria do ser humano é a de atribuir significação a todas essas funções, “dando a atividade biológica uma dimensão simbólica”. Assim, a relação entre funções biológicas e funções culturais adquirem uma dimensão simbólica, uma nova forma de significar as coisas, nova forma de existência. (PINO, 2005, p. 47).

A criança ao nascer já está exposta ao universo das significações humanas, a apropriação destas a torna um ser cultural. O acesso às significações implica na apropriação dos meios semióticos criados pelo ser humano ao longo da história, tendo como um dos meios principais a linguagem. A inserção do bebê no mundo humano é feita por meio da mediação dos signos e do outro (detentor da significação). Pino (2005) considera que há dois nascimentos do bebê, o biológico e o cultural, “este começa quando o ato da criança adquire significação para o outro e posteriormente para ela” (PINO, 2005, p. 54-55).

A sensorialidade e a motricidade são as bases das primeiras formas de comunicação da criança com o seu meio social, por meio da captação de sinais e a expressão corporal de suas necessidades e emoções. Para Wallon (PINO, 2005), a motricidade faz com que a criança passe da condição de ser biológico para ser simbólico. Nesse processo, o autor destaca que a imitação é uma atividade em que a criança passa do plano natural, ato motor, para o plano simbólico, por meio do pensamento. Dessa forma, as funções sensorial e motora, quando articuladas, constituem a primeira comunicação da criança com o outro e, assim, ela faz seu primeiro contato com o mundo cultural. Pino (2005) chama essa primeira comunicação de

circuito, o qual “é a constituição da rede de relação social da criança e do processo de constituição cultural” (PINO, 2005, p.54). Na medida em que a criança vai recebendo as significações por meio da mediação do outro, ela vai incorporando sua cultura.

O estudo sobre o desenvolvimento da criança é fundamental para compreender o processo de aprendizado e apropriação dessa cultura, o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, de Vygotsky (1989) ajudará nessa reflexão. O autor pontua dois níveis de desenvolvimento, o primeiro deles é o nível de desenvolvimento real, que é o indicativo da capacidade mental da criança daquilo que ela consegue fazer por si mesma, e o nível de desenvolvimento potencial, que é aquilo que ela ainda necessita de apoio para realizar.

Em seus estudos, foi demonstrado que a capacidade de crianças com níveis iguais de desenvolvimento mental, para aprender sob a orientação de um professor, variava bastante, assim, tornou-se evidente que aquelas crianças não tinham a mesma idade mental e que o curso subsequente de seu aprendizado seria diferente. Essa diferença entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado por meio da solução de problemas sob a orientação de alguém mais capaz, é o que o autor chama de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP).

O nível de desenvolvimento real de uma criança são as funções que já amadureceram, ou seja, os produtos finais do desenvolvimento. A ZDP define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação. “O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente” (VYGOTSKY, 1989, p. 58).

A ZDP nos permite entender o curso interno do desenvolvimento, não somente dos processos de maturação que já foram completados, mas também dos processos que estão em formação, que estão começando a amadurecer e a se desenvolver. Assim, pode-se auxiliar no desenvolvimento de questões que estão no desenvolvimento real, por meio do aprendizado com intencionalidade, que precisam ser mediadas para que ela progrida para o desenvolvimento potencial, quando a criança já não precisa mais da intervenção do adulto e a faz individualmente.

Segundo o autor, o desenvolvimento progride de forma mais lenta e atrás do processo de aprendizado. Assim, “o aprendizado é um aspecto necessário do processo de

desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas” (VYGOTSKY, 1989, p. 61).

No que tange sobre aprendizagem, Vygotsky (1989) defende um ponto importante: o fato de que o aprendizado começa muito antes delas frequentarem a escola; assim, a valorização desses conhecimentos é importante no meio escolar. A diferença entre esses aprendizados é que o pré-escolar não é sistematizado e o escolar é sistematizado.

Resgatar os conhecimentos pré-escolares por meio da discussão das experiências é uma prática importante para que as crianças tragam esse aprendizado que elas obtiveram fora do contexto escolar. A troca de experiências e de diferentes práticas culturais as faz perceber que existem outros meios culturais distintos aos que elas estão acostumadas.

O SIGNIFICADO DA PALAVRA NÃO É PERMANENTE, EVOLUI COM O DESENVOLVIMENTO¹

No estudo sobre o desenvolvimento da linguagem e do pensamento, Vygotsky (2000) destaca que tais funções possuem raízes distintas e que a sua evolução não ocorre de forma paralela. Identifica também que há grandes saltos no processo de desenvolvimento da criança e isso ocorre quando a linguagem se torna intelectual e o pensamento linguístico. Embora, inicialmente, pensamento e linguagem tenham origens diferentes, no percurso do desenvolvimento, elas se encontram formando o pensamento verbal e linguagem intelectual.

Vygotsky (2000) propõe que se analise o aspecto intrínseco da palavra, ou seja, o seu significado, pois é no significado da palavra que o pensamento e a fala se unem. O significado é, então, simultaneamente ato de pensamento e linguagem, de onde decorre que o método a seguir na exploração da sua natureza seja a análise semântica – estudo do desenvolvimento, do funcionamento e da estrutura dessa unidade, em que pensamento e linguagem estão indissociavelmente interrelacionados.

O autor, ao explicitar o movimento de interiorização da linguagem pela criança, identifica diferentes tipos de linguagem, que culminam na constituição do pensamento. Ela se inicia, pela linguagem social, na forma de linguagem externa, a qual tem a função primordial de possibilitar que a criança pequena tenha acesso aos códigos linguísticos que permitam a comunicação entre os membros de uma mesma cultura.

¹ Vygotsky, L. V.. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

No movimento de interiorização, a linguagem externa passa a se organizar de forma diferenciada, devido à sua nova estrutura e função. Essa nova etapa da linguagem é identificada como linguagem egocêntrica, que tem, essencialmente, a função de organizar as ações da própria criança, mas ainda é manifestada na forma de linguagem social. Posteriormente, a linguagem torna-se interna, com estrutura e função própria. Na linguagem interna, ocorre a predominância do sentido sobre o significado da palavra.

Ainda segundo Vygotsky (2000), a fala egocêntrica das crianças deve ser vista como uma forma de transição entre fala exterior e a interior. Funcionalmente, a fala egocêntrica é a base para a fala interior, enquanto que, na sua forma externa, está incluída na fala comunicativa. Isso ocorre quando a criança percebe que precisa do adulto para resolver alguns problemas e dirige-se, então, a ele e escrevem o método que, sozinhas, não foram capazes de colocar em ação. A maior mudança na capacidade das crianças para usarem a linguagem como um instrumento para a solução de problemas acontece um pouco mais tarde no seu desenvolvimento, no momento em que a fala socializada é internalizada. Ao invés de apelar para o adulto, as crianças passam a apelar a si mesmas; a linguagem passa, assim, a adquirir uma função intrapessoal, além do seu uso interpessoal.

As interações entre o sujeito e o ambiente são estabelecidas particularmente a cada período da vida. As pessoas, o espaço físico, a cultura e a linguagem formam o contexto do desenvolvimento. As crianças interagem mais com determinado aspecto do contexto conforme sua idade, estabelecendo novos recursos para seu desenvolvimento (GALVÃO, 1995).

Para Vygotsky (1989), o processo de desenvolvimento humano é caracterizado pelas relações do sujeito com sua cultura e ambiente social. Os mecanismos presentes nos processos biológicos de desenvolvimento se misturam com os processos sociais e culturais para a produção das funções superiores. Segundo o autor, a relação do sujeito com o mundo é mediada por sistemas simbólicos, por meio de signos (a fala, escrita, números, entre outros) criados por uma determinada sociedade, que muda o nível de desenvolvimento cultural e de transformações comportamentais. O desenvolvimento é entendido como processo de significação dos elementos e processos culturais, por meio de um movimento dialético entre a dimensão interpessoal (processo exterior) e a dimensão intrapessoal (processo interior). Portanto, a dimensão social é fundamental ao processo de desenvolvimento das funções psíquicas do ser humano.

Yunes (2002) faz uma reflexão interessante sobre o ato de ler e de pensar como ações homólogas; são práticas que, em conjunto, trabalham as funções complexas superiores, exigem uma maior criticidade. Esse processo é necessário para, além de ler, refletir sobre aquilo que está sendo lido. Esse é um papel fundamental do mediador: estimular essa leitura juntamente ao ato de pensar. Formar leitores e pensadores.

A leitura de um livro ilustrado para crianças em processo de alfabetização pode ser um evento social dos mais significativos. Além da história e do conhecimento de mundo contido no conto, poesia ou o gênero literário escolhido, a leitura compartilhada permite possibilidades de socialização de múltiplas histórias pessoais e pode desencadear, entre os participantes, rica construção de conhecimento do mundo e de si mesmo (FREIRE, 1987). É, também, uma experiência estética e afetiva, pois mobiliza um complexo universo de imagens, sensações e formas de expressão subjetiva. Afinal de contas, a língua escrita permite “(...) descolar-se do tempo imediato e mergulhar num mundo imaginário (...) amplia sua experiência (...) torna possível (re)criar o que não vê” (MUNHOZ & ZANELLA, 2008, p. 288). Isso quer dizer que a leitura como experiência ultrapassa a noção instrumental da língua escrita para uma dimensão reflexiva relacionada à constituição de si, na medida em que envolve as dimensões de ser, sentir, pensar e agir. Muito se tem discutido sobre tais potencialidades de mediação do livro como ferramenta cultural, da construção da compreensão do mundo objetivo e subjetivo (DIAS & FREIRE, 2015).

A leitura dialógica privilegia o diálogo como uma prática social que tem a função de comunicação, de reflexão e de transformação. O diálogo, para Freire (1987), tem como premissa a palavra e a palavra está ligada à *práxis*, então, a palavra verdadeira transforma o mundo. É um estilo de aprendizagem, na medida que concebe o diálogo em múltiplos sentidos: dos sujeitos com o livro; no encontro com o outro; na ação do sujeito sobre sua realidade; entre muitas outras possibilidades.

Assim, a educação deve ser problematizadora do mundo e de si mesmo. Para isso, deve fazer-se dentro do diálogo, realizar-se como prática de liberdade, superando a contradição entre o educador e os educandos, de forma coletiva e em compromisso com a transformação do mundo, para que, assim, possam-se criar os termos educador-educando com educando-educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que enquanto educa é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa (FREIRE, 1987). E, nessa mesma perspectiva, ocorre o diálogo na leitura, quando o leitor passa a ser ouvinte e educando, a partir das falas das crianças. (DIAS & FREIRE, 2015)

Na prática de leitura dialógica, chamamos o leitor de mediador, por ele ser o responsável em mediar os conhecimentos e assim como Marinho-Araujo (2014) defende que o papel do mediador é “mediar os conhecimentos que são culturalmente acumulados, mas que devem ser individualmente apropriados e transformados na aprendizagem” (2014, p. 62) Assim, na prática de leitura dialógica, o mediador estimula que as crianças tragam suas experiências e conhecimentos culturalmente acumulados e contribuam para aprendizagem coletiva, mediando a interação dos conhecimentos, tanto já apropriados pelas crianças quanto os novos adquiridos por meio da leitura.

A leitura dialógica contribui para o desenvolvimento das formas cognitivas superiores e mais complexas, ao trabalhar o desenvolvimento de processos cognitivos de percepção, generalização, dedução, raciocínio, imaginação e autoanálise. Todos esses aspectos podem ser trabalhados por meio de diversas leituras, que sejam intencionalmente planejadas para promover transformações, utilizando do ato de ler, pensar e discutir, estimulando a criticidade e a reflexão. Contudo, apenas a leitura não consegue dar todo o suporte para esse desenvolvimento, necessitando do apoio de outras práticas escolares que promovam atividades que gerem conflitos cognitivos e produtivos de pensamento, opinião, ideia.

A frase da autora Yunes (2002) “quem não sabe pensar mal fala, nada escreve e pouco lê” (2002, p.16) é muito instigante para reflexão. Um dos propósitos da leitura é incentivar o ato de pensar e, por meio dele, o sujeito apropriar diversas outras funções como oralidade, escrita e a própria leitura. Pensando no contexto escolar, aquele aluno que lê fazendo essa interligação com a reflexão consegue desenvolver essas potencialidades com menos dificuldade; desse modo, é função da escola promover a relação leitura e reflexão; por isso, a leitura dialógica se justifica neste espaço.

Mas, por que será que uma grande maioria de alunos pouco lê, ou lê e não reflete, por meio das leituras obrigatórias forçadas? O que está acontecendo com o mundo literário das crianças e jovens? Observo que as leituras no contexto escolar estão cada vez mais ligadas a essa obrigatoriedade, distanciando o leitor dos benefícios da prática da leitura, fazendo com que o aluno não perceba o desenvolvimento mais complexo de pensamento que a leitura pode lhe proporcionar, entendendo-a apenas como uma prática obrigatória e, em algumas vezes, até sem sentido na sua formação. “O aluno não consegue perceber a leitura como uma atividade significativa e gratificante em sua vida e, por isso, não se interessa por ela e, então, não a pratica” (YUNES, 2002, p.40). A prática de leitura dialógica retoma um pouco dessa ideia da leitura significativa e gratificante. A leitura pode auxiliar no processo de ensino-

aprendizagem, a partir do pensar daquela leitura, as reflexões e diálogos que o livro proporciona e como essa prática pode ser rica para a (re)construção de novos paradigmas, ampliar os conhecimentos, ser gratificante, por meio de histórias que gostamos, histórias que nos envolvem, histórias que aprendemos a gostar. As histórias dos livros nos possibilitam entrar em um novo mundo.

As rodas de leitura dialógica são eficazes para estimular o prazer de ler, a partir das circulações de ideias, por expor opções, opiniões, sentimentos de respeito à diferença. Nesse momento, surge uma grande interatividade entre os participantes, são alcançadas o que a autora chama de “segundas histórias”, a partir das reflexões e da exposição de experiências vivenciadas pelos integrantes do diálogo. As rodas proporcionam compartilhar leituras e fazer da individualidade da experiência uma possibilidade de outras, para nós e para outros leitores (YUNES, 2002).

No entanto, essa prática é pouco utilizada nas salas de aula, pois o professor, na maioria das vezes, tem pressa de “dar o conteúdo”. As rodas de leitura dialógica são uma prática “para não se conformar a andar em círculos, nem significa prender-se ao interior do círculo, mas abre-se ao diálogo” (YUNES, 2002. p. 38).

A prática de escuta no cotidiano da sala de aula não é algo muito usual, na maioria das vezes, os professores focam no objetivo da aula e ouvir as crianças requer tempo e paciência, o que não está inserido no planejamento da aula. As turmas possuem um elevado número de crianças, todas têm histórias diversas para contar e quanto mais se proporciona espaços de escuta, mais as crianças se apropriam dessa prática dialógica. Assim, há a necessidade desse espaço no contexto escolar, pois as potencialidades que são trabalhadas nessa prática também são função da escola.

PROJETO LIVROS ABERTOS – AQUI TODOS CONTAM

O projeto *Livros Abertos – aqui todos contam* é um projeto de extensão do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, coordenado pela professora Dra. Eileen Pfeiffer Flores, e composto por 53 mediadores, sendo, 50 graduandos e 3 mestrandos. O projeto teve início em 2011 e, desde o início, atua em uma Escola Classe² de Brasília (DF). Baseia-se na perspectiva da leitura dialógica, a qual consiste em uma forma modificada de leitura compartilhada, em que as crianças são constantemente encorajadas a ter voz ativa e um pensamento crítico, a partir da escuta do outro.

As turmas são distribuídas de acordo com os horários disponíveis dos mediadores e os horários de Escola Parque³ dos alunos. O projeto possui uma equipe organizadora, composta por 3 alunas que ficam responsáveis pela parte administrativa do projeto. Elas designam qual turma cada mediador irá ficar, de acordo com a disponibilidade de horário do mediador e da turma, considerando que, uma vez por semana, os alunos vão a escola parque. Todas as professoras da escola são adeptas ao projeto e há uma ótima receptividade por parte da comunidade escolar.

Particpei do projeto no ano de 2014 com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental. Em 2015, precisei me afastar por falta de tempo para dedicação, pois o projeto requer tempo para preparação da contação, um turno livre em um dia da semana para fazer a leitura dialógica e a participação nas reuniões às quintas-feiras de 12h às 14h. Voltei no ano 2016, com o intuito de usar a prática do projeto para minha pesquisa.

A turma que me foi designada em 2016 foi a do 1º ano, composta por 17 alunos, com média de 6 anos de idade. As mediações aconteceram semanalmente, todas as quintas-feiras, no turno matutino. As contações foram feitas na biblioteca da escola, que é um espaço bem estruturado, com 4 mesas redondas de tamanho médio e cadeiras acolchoadas, bem ventilada, possui ventilador, janelas amplas e duas portas, uma de acesso ao pátio e outra de acesso ao jardim no fundo da escola. A bibliotecária apoia o projeto e nos deixa à vontade para dialogar durante as contações. A escolha do espaço é feita pelo mediador: pode-se contar no pátio, nos banquinhos da escola ou mesmo no parquinho. Particularmente, prefiro a biblioteca, por ser um espaço mais confortável, que nos permite sentar em roda nas cadeiras ou mesmo no chão,

² A Escola Classe atua na Educação Infantil nas turmas de pré-escola e no Ensino Fundamental(1º ao 5º ano)

³ Escolas Parque promovem a oferta de Artes e Educação Física, vinculadas às respectivas Regionais de Ensino onde estão localizadas fisicamente (ESTRATÉGIA DE MATRÍCULA, 2016. p.16).

mas que há uma contextualização no próprio ambiente, estimulando as crianças à cultura literária, pois aquele espaço foi construído para elas, mas, muitas vezes, é pouco utilizado para seu devido fim.

A contação é feita em primeiro lugar com a metade da turma, em torno de 8 alunos, e, depois, com a outra metade, com duração de 45 minutos com cada turma. A professora é quem sugere a divisão da turma. O projeto é composto por 12 encontros na escola e 14 reuniões com os participantes do projeto. Nessas reuniões compartilhamos nossas práticas, dúvidas, lamentações e dificuldades. É uma experiência significativa para reconstrução de nós mesmos enquanto futuros docentes.

A escolha dos livros e temas a serem trabalhados fica a critério dos mediadores, tentando sempre manter um diálogo com a professora da turma, para que haja uma interação entre os assuntos abordados em sala de aula e os assuntos discutidos nas mediações.

Durante a contação, prioriza-se o envolvimento das crianças com a história, havendo uma interação com o livro, os personagens, o mediador e os colegas. Incentivando sempre a participação deles com questionamentos, vivências, opiniões, permitindo que se coloquem no lugar do personagem, imaginando situações inusitadas, que não poderiam acontecer naquele momento, mas que poderiam acontecer na imaginação de cada um, colocando-os em papéis diferentes, conscientizando-os para o desenvolvimento da criticidade.

Por fim, propomos atividades lúdicas remetendo a algum ponto importante da discussão ou o que eles desejarem aprofundar mais. As atividades também são utilizadas como meio de avaliação da nossa prática de leitura dialógica, o que eles têm gostado ou não, o que poderia melhorar, eles são os personagens principais dessa história, a opinião deles, assim como em outros contextos, causa mudanças e, assim, estamos sempre refletindo também sobre nossa atuação.

No início do ano, fazemos uma reunião na escola com os membros do projeto, a direção e as professoras, na qual fazemos uma breve apresentação do projeto para as novas professoras e mediadores, assim como uma discussão sobre temas relevantes a serem trabalhados em conjunto. Discutimos práticas para facilitar a comunicação entre mediadores e professores e, depois, há um tempo para os mediadores conversarem com a professora da turma a qual foi designado, para fazer alguns combinados, por exemplo, melhor horário e quais estratégias irão utilizar para trabalharem em conjunto.

Os membros do projeto também participam de alguns eventos da escola, como festa da família (para aproximar mais o projeto das famílias) feira cultural, entre outros. Em alguns desses eventos fazemos pequenas oficinas de contação dialógica.

A avaliação do projeto é feita diariamente pela escola. Somos muito abertos para críticas e elogios. No geral, o projeto é muito bem avaliado. Porém, não há avaliação formal.

Para quem quiser saber mais sobre o projeto, há um *blog*: <http://livrosabertosaquitodoscontam.blogspot.com.br/>, com diversas postagens dos mediadores, *links* de pesquisas, monografias, dissertações e teses, e o *site* da revista: <http://www.revistalivrosabertos.org/>.

METODOLOGIA

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Conhecer a contribuição da leitura dialógica no processo ensino aprendizagem, a partir do olhar das crianças, do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Brasília (DF).

Objetivos Específicos

- Proporcionar a essas crianças encontros mediados pela leitura dialógica;
- Averiguar como as crianças se percebem no processo de aprendizagem a partir da leitura dialógica

PERCEPÇÃO DAS CRIANÇAS

Durante muitos anos, as ciências sociais consideraram a criança como “*tabula rasa*”, na qual a infância era um período que não fornecia contribuições à sociedade. A partir dos estudos de Piaget (Soares, Sarmiento & Tomás, 2005) iniciou-se a discussão da interpressão pelo adulto das produções cognitivas das crianças, mas esses estudos não foram suficientes para permitir interpretar o pensamento da criança como um sistema reflexivo.

A partir do último século, foram realizadas várias pesquisas sobre a questão de tentar compreender a criança, sem nunca considerá-la como elemento válido do processo, com posicionamento próprio acerca do mesmo. A Sociologia da infância, na segunda modernidade, passa a considerar a criança como ator social, atribuindo a sua participação como central na caracterização do seu campo científico, considerando, a partir disso, as metodologias participativas com crianças como um recurso metodológico importante, atribuindo a criança a competência de sujeito de conhecimento.

A metodologia participativa implica na visão da criança como parceira no trabalho interpretativo, que resulta na voz e ação da criança em todo o processo. Essa metodologia traz dois desafios: o primeiro se refere à imaginação metodológica, criatividade e escolha de ferramentas metodológicas pertinentes; e o segundo desafio é a redefinição do papel do

investigador, descentralizando-se para conceber a co-gestão do trabalho investigativo com as crianças.

Soares, Sarmiento & Tomás (2005) pontuam aspectos relevantes para a investigação com crianças, entre eles: a valorização da voz e da ação das crianças; o consentimento informado, no qual a criança é informada acerca dos objetivos e dinâmica da investigação; a consideração de estratégias e recursos metodológicos plurais e criativos, os quais permitam tornar audíveis as vozes de todas as crianças participantes; os dispositivos metodológicos, os quais devem ser escolhidos atendendo as especificidades do que se investiga; materiais de estímulo os quais podem auxiliar nas discussões; e a avaliação da criança acerca do percurso da investigação.

A presente pesquisa utilizou-se da leitura dialógica para ouvir a percepção das crianças, uma vez que o objetivo é conhecer a contribuição dessa prática no processo ensino aprendizagem, a partir do olhar de crianças, do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Brasília (DF).

O trabalho foi desenvolvido em uma Escola Classe localizada em Brasília. A instituição atende crianças de 4 a 10 anos, dos segmentos Educação Infantil e Ensino Fundamental. Atualmente, tem como instalações físicas: 7 salas de aula, 1 sala de leitura, pátio coberto, sala dos professores, secretaria, diretoria, orientação pedagógica, sala de coordenação, sala de apoio à aprendizagem, cantina e zeladoria. Em relação ao pessoal, a escola possui: 14 professores regentes, 2 coordenadoras, 2 professoras readaptadas, 1 diretora e 1 vice-diretora, 1 chefe de secretaria e 1 auxiliar, 1 orientadora, 1 professora para a sala de apoio à aprendizagem, 4 terceirizados para limpeza, 1 porteira e 3 vigias.

A escola atende 340 alunos, nos turnos matutino e vespertino. Inicialmente a escola foi criada para atender a clientela das superquadras da região. Hoje a realidade é outra: os estudantes são provenientes de outras regiões administrativas.

PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 17 crianças, com idades entre 6 e 7 anos de idade, matriculadas no 1º Ano do Ensino Fundamental. Os participantes foram os mesmos que participaram do projeto *Livros Abertos*. Todas as crianças da turma participaram da apresentação do projeto e dos objetivos da pesquisa, momento no qual foi informado que não

eram obrigadas a participarem. Foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – (TCLE) (apêndice 01), para que os pais se conscientizassem da pesquisa e autorizassem a participação da criança.

A fim de preservar a identidade das crianças, no segundo encontro, pedi para que escolhessem outros nomes para serem utilizados na pesquisa. Poderia ser nome de personagem de livro, de filme ou de desenho. O Quadro 1 ilustra os nomes dos personagens e idade das crianças correspondente.

Quadro 1 – Nome dos personagens e idade das crianças

○ Princesinha Sofia	6 anos	○ O gatinho mais fofinho	6 anos
○ Skywalker	6 anos	○ Jack Frost	6 anos
○ Ben 10	6 anos	○ Max Stell	7 anos
○ Barbie	6 anos	○ Gato de Botas	6 anos
○ Gatinha	6 anos	○ Tiban	6 anos
○ Sereia	7 anos	○ Borboleta	6 anos
○ Ariel	6 anos	○ Chapeuzinho Vermelho	7 anos
○ Magali	6 anos	○ Elza	6 anos
○ Frozen	6 anos		

Fonte: elaboração própria.

PROCEDIMENTOS

No início do ano, houve reunião com os participantes do projeto *Livro Abertos*, os professores e a direção da escola. Nesse encontro fizemos uma breve apresentação do projeto e de seus objetivos, além da designação das turmas para cada mediador. Os mediadores são apresentados ao professor regente da turma a qual foi designado, estabelecendo aí uma parceria.

A professora aceitou prontamente o fato de que além de participar do *projeto Livros Abertos*, as crianças também participariam de minha pesquisa. Estabelecemos os horários e como seriam os encontros. No primeiro encontro, fizemos um círculo de apresentação com as crianças e enviamos o TCLE aos responsáveis. Nossos encontros ocorreram todas as quintas-

feiras na biblioteca da escola, foram gravados e tiveram duração média de 1h e 30 minutos. No total foram realizados 14 encontros, contudo, 5 deles foram direcionados para a construção dos dados da pesquisa, em virtude do tempo de realização do trabalho, que foram previamente planejados a partir de uma discussão com a professora sobre o conteúdo que estavam estudando no momento e sobre livros adequados para a faixa etária das crianças. Em seguida, pontuo a escolha dos livros, assim como a dinâmica de cada encontro.

1º Encontro

Livro: *Sapato Novo*

Autores: Mary França e Eliardo França

A escolha desse livro deu-se por este ter uma história pequena, possibilitando tempo para fazer uma comparação entre leitura convencional e leitura dialógica.

- * Apresentação pessoal e do projeto;
- * Dinâmica com grupo, na qual todos tinham que se apresentar falando o nome, idade, o que gostava de fazer e se tinha hábito de leitura em casa;
- * Leitura de maneira tradicional e dialógica;
- * Reflexão sobre a história do livro e sobre a prática dialógica, por meio da conversa com o grupo;
- * Entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2º Encontro

Livro: *Grande ou Pequena*

Autora: Beatriz Meirelles

- * A escolha desse livro foi feita, pois é um livro que trata sobre a dicotomia de ser grande ou pequena, levando à reflexão sobre a percepção que as crianças têm de si e das pessoas sobre eles;
- * Discussão respondendo à pergunta “como foi aprender hoje por meio da leitura dialógica”;
- * Dinâmica para escolha dos nomes a serem utilizados na pesquisa.

3º Encontro

Foram disponibilizados variados gêneros de leitura para que as crianças escolhessem quais seriam utilizados. Havia um Trava-língua (*O Jogo da Parlenda*, de Heloisa Prieto, coleção Itáu de livros infantis); Poesia (*Bem-te-vi*, de Lalau e Laura Beatriz, coleção Itáu de livros infantis); Gibi (*Magali, a menina que queria limpar a praia*, de Maurício de Sousa); Histórias (*Lobisomem da Equipe Girassol*, coleção Itáu de livros infantis) e (*Os três porquinhos*, da Equipe Girassol, coleção Itáu de livros infantis). A escolha foi feita por meio de votação.

- * Leitura dialógica do texto escolhido;
- * Desenho representando a aprendizagem da leitura dialógica daquele momento;
- * Discussão sobre os seus sentimentos em relação ao projeto.

4º Encontro

Livro: *Natureza Morta*

Autor: Gonzalo Cárcamo

A escolha foi feita pelas ilustrações chamativas, uma vez que não há texto escrito. Neste encontro, objetivava-se uma leitura modificada, na qual as crianças construíssem, a partir das imagens, uma história em grupo.

- * As crianças estruturaram uma história a partir das imagens. Eu fui a escriba;
- * Compartilhamos a história elaborada pelo grupo;
- * Avaliação da leitura dialógica do dia.

5º Encontro

Livro: *Gato pra cá, rato pra lá*

Autora: Sylvia Orthof

A escolha desse livro ocorreu porque as crianças pediram uma leitura com rima.

- * Leitura dialógica do livro;

- * Discussão sobre as aprendizagens que a leitura dialógica proporciona, por meio da conversa com o grupo.
- * A cada encontro realizado, reavaliava-se o planejamento do encontro seguinte com o intuito de atender as necessidades das crianças e as propostas do projeto e pesquisa.

DIÁLOGOS E REFLEXÕES

Nesta seção, vamos apresentar alguns episódios ocorridos ao longo dos nossos encontros e que nos remetem à contribuição da leitura dialógica no processo ensino aprendizagem, a partir do olhar das crianças. Ao tempo em que apresentamos, buscaremos um diálogo com os conhecimentos sistematizados, que nos possibilitaram visualizar melhor a relação leitura dialógica e o processo ensino aprendizagem. Ao ouvir, por diversas vezes, a gravação dos encontros, selecionamos alguns pontos a respeito da leitura dialógica, os quais foram destaque na fala das crianças. São eles: 1) Leitura dialógica e possibilidades de aprendizagem; 2) Imaginação; e 3) O olhar das crianças a respeito da leitura dialógica.

A maioria das 17 crianças participantes da presente pesquisa relatou não possuir o hábito de leitura. 13 delas afirmaram que ouvem histórias apenas na escola; em casa, ninguém lê para elas. Quatro crianças relataram que seus pais leem para elas em casa e uma aluna tem o hábito, em casa, de inventar que está lendo.

LEITURA DIALÓGICA E POSSIBILIDADES DE APRENDIZAGEM

A leitura dialógica tem a característica de compartilhamento de experiências; “podemos compartilhar leituras, fazendo da individualidade da experiência uma possibilidade de outras, para nós e para outros leitores” (YUNES, 2002, p. 104). Assim, em nossos encontros ficou evidente que, ao relacionar uma experiência pessoal com a história do livro, e, principalmente, poder compartilhá-la com os colegas, possibilitou-se que a criança vivenciasse uma “nova” experiência, ressignificando o vivido.

Um desses momentos foi quando **Borboleta** relatou: *“Tia, eu também não posso andar na rua de bicicleta sozinha (assim como a personagem do livro Grande ou Pequena). Teve um dia que minha mãe não tinha deixado eu sair e eu peguei a bicicleta e sai e quase fui atropelada. Eu não vi o carro e ele deu uma freiada que quase bateu em mim”*. A possibilidade que a leitura dialógica oferece à criança de compartilhar os sentidos a que a história remete amplia seu repertório de experiências que passam a construir novos sentidos, fazendo novas relações com o vivido.

Assim, a partir da fala da **Borboleta**, as crianças começaram a contar outros relatos e discutirem como a rua é perigosa. **Skywalker** disse: *“Por isso que minha mãe também não deixa eu ficar sozinho na rua”*, baseando-se no fato ocorrido com a colega. Neste momento, a

individualidade das experiências criam possibilidades de outras; a reflexão sobre o cuidado da mãe, os perigos que podem ter na rua para uma criança, o porquê dos pais privá-los de muitas coisas. Aqui temos o que Yunes (2002) chama de “segundas histórias” a partir das reflexões e da exposição de experiências vivenciadas pelos integrantes do diálogo.

Outro momento como este ocorreu quando **Ariel**, a partir da leitura da história *Gato para cá e rato para lá*, relatou que em sua casa tinham dois gatos e um cachorro que eram companheiros, dormiam juntos e brincavam muito, rompendo o paradigma de que gato e cachorro são sempre inimigos. Após sua fala, outras crianças também se lembraram que presenciaram esses animais brincando. **Max Still** relatou: “*Tia eu assisti um vídeo na internet que um gatinho ajudava um peixe que estava fora da água. O peixinho tava morrendo e ele empurrou para dentro da água*”. E continuaram uma longa troca de experiências e aprendizados mencionando filmes e reportagens assistidas na televisão e outras situações que remetem à amizade entre os animais, concluindo que mesmo sendo de diferentes espécies, os animais podem ser companheiros.

Percebemos que, por meio das experiências, eles compartilharam vivências diferentes e desenvolveram argumentos para a discussão. Isso nos mostra que a leitura compartilhada, é a socialização de múltiplas histórias pessoais pode desencadear, entre os participantes, rica construção de conhecimento do mundo e de si mesmo (FREIRE, 1987).

Percebemos que a aluna **Magali**, que é uma das alunas que relataram que em casa os pais leem para ela, obteve maior facilidade na interpretação do livro *Grande ou Pequena*. Enquanto as crianças se dividiam entre grande ou pequena, **Magali** conseguiu perceber a contradição apresentada pela história, entre ser ao mesmo tempo grande e pequena e teve condições de argumentar a respeito da contradição, fugindo a uma lógica linear do restante da turma. **Magali** afirmou: “*às vezes ela é grande e às vezes ela é pequena, porque tem coisas que ela pode fazer e outras que não pode, igual eu*”. A criança consegue interpretar a leitura e vincula sua experiência com a da personagem, transcendendo os fatos em si, estabelecendo vínculos entre suas percepções e os elementos do mundo, ou seja, entre seus pensamentos e atos (VYGOTSKY, 2000).

Enquanto **Magali** já faz toda uma abstração da contradição apresentada na história, concebendo-a como possível, **O gatinho mais fofinho** reflete sobre essa questão, indagando: “*tia, agora que tô confuso mesmo. A Mariana (personagem do livro) é grande ou pequena? E eu? Porque eu também não posso brincar na rua e nem chupo chupeta. Tem hora que é grande, tem hora que é pequeno. Que confusão*”. A criança refletiu sobre a história e ainda se

colocou no lugar da personagem, identificando-se com as situações. Por meio da leitura dialógica, tem-se o objetivo de fazer com que as crianças se apropriem da prática de reflexão.

As autoras Nunes & Silveira (2009) abordam que a aprendizagem é um processo no qual a pessoa apropria-se de conhecimentos que o indivíduo necessita aprender dentro de cada cultura. Assim, como a aprendizagem é algo subjetivo para cada indivíduo, na qual ninguém aprende pelo outro ou aprende da mesma maneira, a formação é individual, no entanto, necessita-se do outro para aprender.

IMAGINAÇÃO

Outro aspecto que ficou evidente em nossos encontros foi a relação leitura dialógica e imaginação. Para Vygotsky (2009), a imaginação é a base da atividade criadora, a qual manifesta-se na vida cultural. O processo de criação na primeira infância se expressa de melhor forma nas brincadeiras. “A brincadeira da criança não é apenas recordação do que vivenciou, mas a reelaboração criativa de impressões vivenciadas” (VYGOTSKY, 2009, p.17). Cada período da infância possui sua forma característica de criação. Por exemplo, **Frozen** relatou que, como ainda não consegue ler, vai passando as páginas do livro e fazendo leitura das imagens e inventando a história a partir disso. Ela utiliza a atividade criadora para brincar que está lendo.

A atividade criadora da imaginação depende da diversidade e riqueza da experiência vivida, pois, a partir dessa experiência, é que se constitui o material com que se criam as fantasias da imaginação. Sendo assim, quanto mais rica for a experiência do sujeito, mais material ela terá para a imaginação. Por isso, segundo Vygotsky (2009), a imaginação da criança pode ser considerada mais pobre que a do adulto, por esta ter tido menos experiências.

A leitura possibilita à criança a vivência de diversas experiências por meio dos livros. Por meio das histórias, a criança vai enriquecendo suas experiências e, assim, aumentando seu potencial de criação. Assim como afirma Vygotsky (2009), quanto mais a criança vê, ouve e vivencia, mais significativa e produtiva será a sua imaginação. As rodas de leitura dialógica são eficazes para estimular a reflexão, a partir das circulações de ideias, por expor opiniões, sentimentos de respeito à diferença, surgindo grande interatividade entre os participantes. As rodas possibilitam compartilhar leituras e fazer da individualidade da experiência uma possibilidade de outras, para nós e para outros leitores (YUNES, 2002). Nesse sentido, as crianças mencionam que, a cada mediação de leitura dialógica, eles acumulam mais

conhecimentos e experiência. Por exemplo, **Ariel** diz: “*A gente conhece muitas histórias novas*”.

No livro *Natureza Morta*, sem escrita, a leitura dialógica concedeu tempo para que pudessem imaginar uma história. Esse processo foi orientado por meio de questões propostas às crianças. Em uma das páginas (o livro não é numerado), o caçador está mirando no urso e no canto da página tem o desenho de uma águia. Então, eles imaginaram...imaginaram... **Ariel**: “*o caçador matava o urso*”; **Magali**: “*o urso corria*”; **Skywalker**: “*o urso atacava o caçador*”; **Jack Frost**: “*a águia picava o caçador*”; **Borboleta**: “*a águia salvava o urso*”; **Frozen**: “*o caçador errava a pontaria*”; **Elza**: “*O caçador queria atirar na árvore que está atrás do urso*”; **Magali**: “*O caçador vai atirar na águia*”. Desse modo, pode-se observar a riqueza de experiências compartilhadas, aumentando o potencial de criação.

As crianças conseguem perceber o quanto a leitura dialógica contribui para o processo de imaginação, por meio das histórias e discussões. **Tiban** relata: “*A gente aprende tudo, o nosso mundo na leitura dialógica é a história da imaginação*”. Nessa fala, pode-se observar que ele apropriou-se dessa função, ao associar a leitura ao processo da imaginação, por estar em constante criação mental dos personagens, das histórias, refletindo sobre o autor, relacionando a história com seu cotidiano.

Vygostky (2009) pontua que, por meio da leitura, o sujeito pode imaginar o que não viu e não vivenciou diretamente, não restringindo-se a sua própria experiência, mas aventurando-se além deles e assimilando por meio da imaginação, a experiência da história. As crianças vivenciam este processo ao participar da mediação dialógica. Elas vão ouvindo a história e imaginando os personagens e o desenvolver da história.

Ao conversar sobre os aspectos da aprendizagem, eles mencionaram a imaginação. **Chapeuzinho Vermelho** relatou: “*Eu gosto desse livro, a gente pode imaginar a história olhando só as imagens, sem a tia contar nada*”. Discutiram também sobre a pluralidade de sentidos, uma vez que podem ocorrer diversas leituras de uma mesma situação. Por exemplo, **Chapeuzinho Vermelho** disse: “*o caçador vai atirar no urso e ele vai morrer*”. Já **Magali** imaginou: “*Na verdade eu acho que tem uma árvore atrás do urso e o caçador queria acertar aquela árvore lá atrás só para testar a mira, não para derrubar a árvore. Ela vai usar uma arma ‘fraqinha’*”. Segundo Vygostky (2009), o processo de composição coletiva impulsiona-os a um trabalho criativo e inspirado. De maneira coletiva, as crianças expõem suas opiniões, utilizam argumentos, quando sua ideia contradiz a de outro colega, auxiliando

os no processo de reflexão. **Ariel**, por exemplo, contrapõe todo o grupo e disse: “*eu não gostei desse livro, eu não sei a gente ta contando a história certa*”.

A criança ao nascer já está exposta ao universo das significações humanas. A apropriação a torna um ser cultural (Pino, 2005). É interessante observar como **Ariel** já se apropriou do que culturalmente é designado de certo ou errado ou da busca de um sentido único e finito. Vygotsky (1930-1991) relata que a relação do sujeito com o mundo é mediada por sistemas simbólicos e essa mediação ocorre por meio de signos criados por uma determinada sociedade que muda o nível de desenvolvimento cultural e de transformações comportamentais.

O OLHAR DAS CRIANÇAS A RESPEITO DA LEITURA DIALÓGICA

Visando conhecer a contribuição da leitura dialógica no processo ensino aprendizagem, a partir do olhar de crianças, lhes foi perguntado como elas percebem esse processo. **Ariel** responde que: “*A gente conhece muitas histórias novas*”. **Tiban**: “*É, a gente aprende o que o livro ensinou, o que a moça escreveu no livro*”. As crianças, por meio da leitura dialógica, estão em constante aprendizagem, criando e recriando novas combinações, Vygostky (2010) destaca:

O meio social e todo o comportamento da criança devem ser organizados de tal forma que cada dia traga novas e mais novas combinações, casos imprevisíveis de comportamento para os quais a criança não encontre no acervo da sua experiência hábitos e respostas prontas e sempre depare com a exigência de novas combinações de ideias (VYGOTSKY, 2010, p. 238)

Assim, a cada encontro, novas combinações de ideias são exigidas e novas aprendizagens desenvolvidas, inclusive na alfabetização das crianças. Nesse sentido, **Borboleta** relata que a leitura dialógica: “*Ajuda a gente a aprender a ler e escrever (...) Porque a gente vê as palavras e depois quando a tia pedi para escrever eu lembro dela*”. A criança associa as palavras vistas na leitura dialógica à prática de alfabetização na sala de aula. Na idade escolar, a criança começa a deixar o desenho e se ocupam com novas criações, verbais ou literárias.

Vygotsky (2010) destaca que a criança possui uma maior dificuldade na escrita comparada a oralidade. “A escrita representa grandes dificuldades por seguir leis próprias, que se diferenciam parcialmente das leis da oralidade e ainda são pouco acessíveis para a criança” (VYGOTSKY, 2010, p. 64).

Na prática de leitura dialógica, preza-se a liberdade das crianças de interagir e discutir com o grupo e com o livro no momento que quiserem. Segundo Vygotsky, “nunca o homem se sentiu tão livre para agir por seu próprio arbítrio do que quando se lhe apresentam várias possibilidades e atitudes e com uma espécie de livre ato da vontade ele faz entre elas a sua opção” (VYGOTSKY, 2010, p. 228). Essa liberdade expressa-se na fala de **Tiban**: “*A gente pensa nas histórias como a gente quiser (...) A gente pode falar qualquer hora sobre o livro*”. A criança retrata a autonomia que é dada para imaginar a história, para interpretá-la da sua maneira e a liberdade de expressão, de poder durante a leitura, expor-se como preferir.

Sobre o que eles estavam achando da leitura dialógica, a **Chapeuzinho Vermelho** respondeu: “*Eu tô gostando muito. Todo dia que temos leitura dialógica quando chego em casa, eu conto para minha mãe sobre a historinha que a gente leu*”. Magali completou: “*Eu também gosto das nossas leituras. Eu fico te imitando lá em casa, fingindo que tô contando histórias para minhas bonecas*”.

Galvão (1995) destaca que a imitação é um processo em que a criança passa do plano natural, ato motor, para o plano simbólico, por meio do pensamento. Para Vygotsky (1989), as crianças podem imitar uma variedade de ações que vão além de sua capacidade. Esse fato é de fundamental importância no aprendizado e desenvolvimento das crianças.

A partir dos diálogos estabelecidos com as crianças na prática de leitura dialógica, foi possível notar que estas atribuem a essa prática uma aprendizagem diferenciada, em que se apropriam do conhecimento, num movimento próprio e aberto de reflexão/ação/reflexão, sentindo-se autorizadas a construir seu conhecimento, evidenciando a importância da leitura dialógica.

“É, A GENTE APRENDE O QUE O LIVRO ENSINOU, O QUE A MOÇA ESCREVEU NO LIVRO”⁴

Com o propósito de conhecer a contribuição da leitura dialógica no processo ensino aprendizagem, a partir do olhar de crianças, do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Brasília (DF), realizamos 5 encontros, mediados pela leitura dialógica, com a participação de 17 crianças com idade entre 6 e 7 anos. Esses encontros nos possibilitaram perceber o quanto essa prática impacta no processo ensino aprendizagem.

Os dados revelaram que as crianças, mesmo no início de sua escolarização, conseguiram perceber os benefícios que a leitura dialógica proporciona ao desenvolvimento do sujeito. Essa prática diferenciada despertou-lhes o interesse por permiti-las dialogar com o livro, com os colegas e com a mediadora, possibilitando um rico momento de discussões e trocas de experiências. Outros aspectos observados foram o despertar da imaginação e a prática criadora, por meio das histórias compartilhadas. As crianças demonstraram um grande potencial de imaginação daquilo que elas não viram e não vivenciaram diretamente, com a liberdade de imaginar diversas possibilidades.

Nas falas produzidas pelas crianças ficaram evidentes as contribuições que os encontros possibilitaram e o quanto a prática de leitura dialógica foi um momento prazeroso para elas. Foi criado um vínculo afetivo entre mediadora, crianças e a prática de leitura dialógica. As crianças já sabiam que teriam, nesse momento, a liberdade de se expressar ou não, que poderiam trazer assuntos para discussão e que este era o nosso espaço dialógico.

No entanto, em alguns momentos as crianças conversavam todas ao mesmo tempo, alguns assuntos ligados ao livro, outros já estavam conversando sobre outra coisa, havia crianças que também dispersavam-se do diálogo e brincavam de outra coisa e, as professoras associam aquele barulho a indisciplinação, mas, sempre há crianças envolvidas na discussão e que estão participando da leitura dialógica. Nós quebrávamos com o tradicional silêncio da biblioteca.

Por fim, ao concluir este trabalho, percebo o quanto é importante a valorização da leitura no contexto escolar e no cotidiano dos sujeitos, não só no ambiente infantil, pois o sujeito está em constante desenvolvimento. Possibilitar o processo de ensino aprendizagem por meio da leitura dialógica em diversos contextos é de suma relevância, pois, além de uma prática riquíssima, é muito prazerosa. Acredito que a utilização da prática de leitura dialógica

⁴ Fala de Tiban

no cotidiano da sala de aula contribuirá para a aprendizagem das crianças em diversos aspectos, como a reflexão, criticidade, oralidade, entre outros benefícios pontuados nas observações participantes. E é isso que, como futura pedagoga, quero possibilitar aos meus alunos, vivenciar essa prática para enriquecimento da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- DIAS, P. N. & FREIRE, S. F. C. D. **A leitura dialógica no processo de letramento da criança**. In: 3º Congresso Iberoamericano de Estilos de Aprendizagem, 2015, Cartagena - Colômbia. Relato de Experiência, 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- MARINHO-ARAÚJO, C. M. **Concepções psicológicas sobre o desenvolvimento humano presentes no processo ensino-aprendizagem**. Brasília: Docência na Socioeducação, 2014.
- MUNHOZ, S. C. D. ZANELLA, A. V. **Linguagem escrita e relações estéticas: algumas considerações**. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 287-295, abr./jun. 2008.
- NUNES, A. I., & SILVEIRA, R. **Psicologia da aprendizagem: processos, teorias e contextos**. Fortaleza: Liber Livros, 2009.
- PINO, Angel. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vygotsky**. São Paulo: Cortez, 2005.
- SOARES, N. F. SARMENTO, N. J. TOMÁS, C. **Investigação da infância e crianças como investigadoras: metodologias participativas dos mundos sociais das crianças**. Nuances: estudos sobre a educação – ano XI, v. 12, n. 13, jan./dez. 2005.
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes. p. 53-61, 1989.
- VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução Paulo Bezerra. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VYGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaios psicológicos: livro para professores / Lev Semionovich Vygotsky**. Apresentação e comentário Ana Luiza Smolka. Tradução Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.
- VYGOTSKY, L. S. **Obras Escogidas, Tomos I, II, III**. Madrid: Visor y Ministerio de Educación y Ciencia, 1930/1991.
- VYGOSTKY, L. S. **Psicologia Pedagógica**. Tradução do Russo e introdução de Paulo Bezerra. 3º edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

YUNES, E. **Pensar a leitura**: complexidade. São Paulo: Loyola, 2002.

ANEXO 1 – SINOPSE DOS LIVROS

1. Livro: *Sapato Novo*

Sinopse: Como João fará para brincar na rua se ele não pode sujar os sapatos?

Autoras: Mary França e Eliardo França

2. Livro: *Grande ou Pequena*

Sinopse: Para brincar na rua, Mariana ainda era pequena. Para chupar chupeta, já era grande. Afinal, ela era grande ou pequena? Seus pais precisavam esclarecer essa confusão!

Autora: Beatriz Meirelles

3. Livro: *Natureza Morta*

Sinopse: Modelo vivo, *Natureza Morta* é um dos pontos altos da produção do prestigioso artista chileno radicado no Brasil, Gonzalo Cárcamo. O livro é composto exclusivamente de imagens, o que estimula a imaginação do leitor ao convidá-lo a criar sua própria narrativa para a sequência de imagens proposta pelo autor. Indicado para crianças e jovens, certamente irá emocionar adultos de todas as idades com sua beleza, técnica apurada e sensibilidade. Este livro sem palavras, conta uma história comovente de um pintor e um caçador. A narrativa visual é composta de belíssimas aquarelas que não somente enfocam o lado luminoso e sombrio dos protagonistas, mas exalta a sensibilidade que existe em cada um, o que pode ser um sinal de esperança. Cárcamo retrata com humor e ironia os sentimentos e profundas contradições que atormentam o homem. Esta história que encanta pelas suas ilustrações em aquarela tem uma mensagem de compreensão universal.

Autor: Gonzalo Cárcamo

4. Livro: *Gato pra cá, rato pra lá*

Sinopse: Se alguém for procurar uma grande história, neste livro, não vai encontrar. Ele resolveu escolher o caminho do singelo, e livro, se a gente não deixar ele ser como ele cisma, fica amarrado.

Acho que esta história é pra ler pouco e imaginar muito. Nasceu de uma velha anedota, que ouvi, nos meus tempos de criança. Descobri eu o rato da história sou eu! Foi de repente que desobri e me espantei.

Autora: Sylvia Orthof

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO DE PESQUISA

Eu, Priscila Nascimento Dias sou estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília – UnB, e faço parte do projeto de extensão *Livros Abertos*, projeto atuante na escola desde 2011.

Venho pedir sua autorização para que seu/sua filho (a) participe da pesquisa que estamos fazendo para o trabalho de conclusão de curso (Monografia), a qual tem como objetivo **“Conhecer a contribuição da leitura dialógica no processo ensino-aprendizagem, a partir do olhar de crianças do 1º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Brasília – DF”**. Acreditamos que a pesquisa seja importante para a valorização da leitura no âmbito escolar e analisarmos a percepção das crianças sobre o seu processo de aprendizagem a partir da leitura dialógica. A pesquisa integra a rotina semanal das crianças e consiste em uma vez por semana irmos à biblioteca e contar histórias com a participação das crianças. Serão 05 encontros no horário de aula.

A privacidade das crianças será respeitada, ou seja, seu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, a identificar, será mantida em sigilo. Utilizaremos como instrumentos desenhos e áudio. Coloco-me à disposição para apresentar o plano de trabalho e/ou esclarecer quaisquer outras dúvidas a respeito.

E-mail: priscilladias.unb@gmail.com

Aluno (a): _____

Assinatura do Responsável

Assinatura da Pesquisadora

APÊNDICE 02 – PLANEJAMENTO E NOTAS DE CAMPO**1º Encontro**

- * Sentamos em roda no chão da sala. Fiz uma apresentação pessoal e uma explanação do lugar que falo como aluna de graduação do curso de Pedagogia, futura professora, com várias teorias a serem exploradas, com muitas questões a serem pesquisadas, dialogadas, refletidas. Aquele era um espaço o qual considerava riquíssimo para minha formação como pedagoga, mediadora, contadora de história. Em seguida, discorri sobre a UnB e o projeto de extensão. Falei um pouco sobre a leitura dialógica, mas deixei para explicitar mais sobre o assunto na dinâmica realizada posteriormente;
- * A professora fez a divisão dos grupos aleatoriamente;
- * Fomos à biblioteca eu e mais 9 crianças para iniciamos com uma dinâmica de apresentação, em que cada um deveria falar o nome, algo que gosta de fazer e sobre seu hábito de leitura, como: quem lê para eles? O que leem? Quando leem? Leem apenas na escola? Gostam de ler? Como gostam de ler?;
- * Em seguida, li o livro *Sapato Novo*, de Mary França e Eliardo França, e fiz duas leituras para que eles melhor entendessem a prática da leitura dialógica. Na primeira leitura, quis enfatizar a leitura convencional, ordenando que todos sentassem com a postura reta e fizessem total silêncio. Conteí a história sem fazer nenhuma pausa, apenas mostrando imagens de algumas páginas do livro. Quando eles começavam a falar algo, eu os reprimia e ordenava silêncio. Por fim, expliquei que foi apenas uma demonstração e que, em seguida, eu faria a leitura dialógica. Então, recontei a história com mais calma, fazendo indagações e deixando-os livres para dialogar com o livro;
- * O livro conta a história de um garoto que ganhou um sapato novo e por isso não “podia” participar de nenhuma brincadeira. Questionei-os sobre se nossos antepassados viviam descalços, por que inventaram sapatos? Qual a principal serventia dele? Para que compramos coisas novas? Porque nos apegamos a bens materiais? Vale à pena deixar de brincar para não sujar os sapatos ou as roupas? O que nos traz felicidade? Objetos novos ou momentos de descontração com os amigos? O que é

felicidade para você? O que te faz feliz? E eles foram respondendo e interagindo com o grupo;

- * O 2º grupo tinha 8 alunos e segui o mesmo roteiro. No que tange o hábito de leitura, para 4 deles, os pais leem em casa para eles, mas não souberam especificar o tipo de leitura, 1 inventa que lê e 4 não têm hábito de leitura fora da escola;
- * Ao final, entreguei o termo de consentimento para ser colado na agenda e nos despedimos;
- * Minhas impressões: A turma foi muito acolhedora, me receberam com um “Bom dia, seja bem-vinda” e as crianças, já no primeiro encontro, criaram um laço afetivo comigo. Depois da contação, fiquei um pouco com eles e conversamos sobre diversos assuntos, para criarmos uma intimidade. A professora é tranquila, me deixou super à vontade.

2º Encontro

- * Leitura do livro *Grande ou Pequena*, de Beatriz Meirelles, que discute sobre a dicotomia entre serem grandes para realizar algumas atividades e pequenos para outras. A partir dessa leitura, discuti como eles se percebem, como eles veem, principalmente no seu processo ensino-aprendizagem, entre outros assuntos que vão brotando durante o diálogo;
- * Ao final foi feita a avaliação oralizada de “como foi aprender hoje por meio da leitura dialógica?”;
- * Fizemos uma dinâmica para escolha dos nomes para pesquisa. Cada um tinha que pensar em um personagem de livro, filme ou desenho para ser o seu nome na pesquisa. Eles são extremamente criativos e, ao falar a proposta, eles já haviam pensado em diversos personagens.

3º Encontro

- * Levar outros tipos de leitura pra que eles escolham. Terão 5 opções e, entre elas, terão que escolher 01. Apresentarei os tipos de leitura e deixarei eles por 5 minutos à vontade com os livros, para que possam olhar as imagens e, assim, fazer a escolha;
- * Levarei as leituras: Trava-língua (*O Jogo da Parlenda*, de Heloisa Prieto, coleção Itáu de livros infantis); Poesia (*Bem-te-vi*, de Lalau e Laura Beatriz, coleção Itáu de livros infantis); Gibi (*Magali, a menina que queria limpar a praia*, de Maurício de Sousa); Histórias (*Lobisomem*, da Equipe Girassol, coleção Itáu de livros infantis e *Os três porquinhos*, da Equipe Girassol, coleção Itáu de livros infantis).
- * Ao final, incentivá-los a fazer um desenho representando a aprendizagem da leitura dialógica daquele momento;
- * Questioná-los sobre os seus sentimentos em relação ao projeto. O que eles estão achando? Se eles ficam ansiosos pelo dia da contação? Se contam para alguém sobre essa experiência? Questioná-los sobre a autonomia de escolha.

4º Encontro

- * Levar o livro *Natureza Morta*, de Gonzalo Cárcamo. É um livro apenas de imagens;
- * Pretendo dividir a turma em dois grupos e cada grupo irá montar uma história, a partir das imagens, e eu serei a escriba. Por fim, leremos as duas versões para a turma;
- * Para concluir, faremos uma avaliação da experiência. O que elas acharam do livro? As histórias finais ficaram diferentes? O que eles acharam de fazer leitura de imagens? Houve aprendizagens em quais aspectos? (Imaginação, criatividade, criticidade, opinião).

5º Encontro

- * Leitura do Livro *Gato pra cá, rato pra lá*, de Sylvia Orthof. É um texto em rima que conta a história da rivalidade do gato e do rato. A lua rompe com esse paradigma dos animais serem inimigos;
- * Na história, há diversas coisas a serem discutidas. Por que o gato não gosta do rato? Quem criou essa rivalidade? Assim como o cachorro não gosta do gato! Será que há mesmo essa rivalidade entre os animais? E entre nós, há alguma rivalidade? Quais as consequências da desarmonia? Na história, o gato sente tristeza ao ver o rato chorar. Será que os sentimentos bons podem sobrepor os sentimentos ruins? A lua mediou a “briga” entre os dois animais e tudo se resolveu. Como nós podemos mediar as situações ruins do cotidiano? Entre outras questões que vão surgindo na discussão;
- * Pedir às crianças que falem sobre as aprendizagens que a leitura dialógica lhe proporciona.